
RIBEIRINHOS E COVID-19: A SAUDADE DO RIO E A TRISTEZA NA FEIRA EM TEMPOS DE PANDEMIA

CARLOS EDUARDO DO VALE ORTIZ (1)
NAIR FERREIRA GURGEL DO AMARAL (2)

Resumo

O artigo em questão intitulado: "Ribeirinhos e Covid-19: A saudade do Rio e a tristeza da feira em tempos de pandemia" tem como principal objetivo evidenciar como o processo de desterritorialização afetou os ribeirinhos e como, atualmente, os produtos dessa realidade estão somatizados às consequências da pandemia. Além disso, para que houvesse pontuações assertivas sobre a temática, o escrito contou com concepções de pensadores como: Canclini (1998), Macedo (2020), Hall (2006), Junior (2015), Arruda (1999), Ivo (2010) e Chediak (2015). A presente pesquisa é de caráter bibliográfico e pretende mostrar as alternativas dos ribeirinhos que ingressam nas feiras livres de Porto Velho assim como as dificuldades relativas à (re)existência dentro da nova realidade da pandemia do Covid-19.

Palavras-chave: Covid-19 - Pandemia - Ribeirinhos - Feirantes - Desterritorialização

Abstract

RIBEIRINHOS AND COVID-19: THE LONGING FOR RIO AND THE SADNESS OF THE FAIR IN TIMES OF PANDEMIC

The article in question entitled: "Ribeirinhos and Covid-19: The longing for Rio and the sadness of the fair in times of pandemic" has as main objective to show how the process of deterritorialization has affected the riverside residents and currently, how these products are somatized the consequences of the pandemic. In addition, for there to be assertive scores on the theme, the writing had conceptions of thinkers such as: Canclini (1998), Macedo (2020), Hall (2006), Junior (2015), Arruda (1999), Ivo (2010) and Chediak (2015). The present research is bibliographic. The article shows the alternative of riverine people who enter the free markets in Porto Velho as well as the difficulties related to reexistence within the new reality of the Covid-19 pandemic.

Keywords: Covid-19 - Pandemia - Riverside - Marketers - Desterritorialization

(1) Universidade Federal de Rondônia - UNIRE-mail: carloseduardodovaleortiz5@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0296-0131>

(2) Universidade Federal de Rondônia - UNIRE-mail: nairgurgel@uol.com.br Orcid:<https://orcid.org/0000-0001-9253-4664>

1. Introdução

No presente artigo trabalhamos com uma linha de pesquisa bibliográfica[1] e abordamos questões relativas ao processo de resiliência dos ribeirinhos desterritorializados, que encontraram nas feiras livres de Porto Velho, capital do estado de Rondônia, um lugar para se reerguer. O escrito intitulado: "Ribeirinhos e Covid-19: A saudade do Rio e a tristeza da feira em tempos de pandemia", visa mostrar parcialmente como se deu o processo de (re)existência dessa comunidade desde o trágico momento da desterritorialização até a atual conjuntura da pandemia do Covid-19. Além disso, dentro de uma perspectiva teórica, entre os pensadores que auxiliam no entendimento de todo o contexto, estão: Canclini (1998), Macedo (2020), Hall (2006), Junior (2015), Arruda (1999), Ivo (2010) e entre outros autores que juntos, estão em uma consonância de ideias que auxiliam no desenrolar da temática.

A pesquisa em questão surgiu como fruto da dissertação de Chediak (2015) e Júnior (2015) que evidenciaram em seus estudos

como os discursos dos ribeirinhos são percebidos pelas esferas socioculturais e quais eram suas dificuldades no que compete ao período anterior e posterior a enchente de 2014 em Porto Velho. Dificuldades essas que foram somatizadas à pandemia.

2. Introdução O poder do rio na história rondonense e na vida ribeirinha

Rondônia é um estado que, em sua constituição, possui um histórico de movimentos que deixaram diversas marcas no território. Marcas políticas, econômicas, culturais e até mesmo linguísticas. Movimentos e marcos como os ciclos da borracha e do garimpo e até mesmo a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré são incluídos nessa linha de pensamento. E o mais recente marco, com essa mesma essência, é a presença das usinas hidrelétricas no Rio Madeira.

As usinas de Santo Antônio e de Jirau são algumas das obras mais relevantes do governo federal, pois as mesmas foram planejadas para suprir a energia elétrica do Brasil. As construções das barragens das duas usinas alagaram uma área estimada em 50 mil hectares de floresta e ainda fez com que uma média de 5 mil famílias ribeirinhas saíssem de seu habitat natural, obrigatoriamente, fazendo com que "migrassem" para o espaço urbano. (CHEDIAK, 2015)

[3] [...] a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório. (LIMA, 2007, p.38)

[...] reafirma-se a pesquisa bibliográfica como um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas. (LIMA, 2007, p.43)

É nítido que as usinas trouxeram progresso no que se refere a empregos e movimentação financeira dentro da esfera rondoniense. A chegada das usinas alavancou uma enchente evolutiva nos aspectos sociais, econômicos e políticos.

Rondônia, assim como todo o restante do Brasil, pode ser caracterizada como um estado miscigenado, pois dentro do território rondoniense, não existe nenhum traço cultural que transcende a outro. Essa amálgama é percebida de forma clara quando é feita a análise do calendário cultural local, no qual existem datas como a do arraial flor do maracujá, festas de rodeio, bois-bumbás e blocos carnavalescos. Todo esse emaranhado de valores culturais não define a cultura rondoniense, mas já mostra que o estado sofre constantes absorções de elementos culturais e agrega esses valores para a suas vertentes culturais em construção.

Segundo Silva (2001) relata em seu livro “Da chibata ao Inferno”, uma história que não é comum de ser contada nos livros escolares na disciplina de história, mas que ajuda a compreender com uma intensidade um pouco mais profunda, todos os pontos referentes à fusão de valores culturais diversos em Rondônia.

O escritor diz que no período da construção da estrada de ferro, na cidade de Porto Velho, houve um fluxo intenso de migrantes vindos diretamente da Bahia no período em que ocorreu o movimento da Revolta da Chibata.

O líder do movimento, João Cândido, conhecido como “O Almirante Negro”, organizou todo o processo, pois as condições alimentícias e trabalhistas eram simplesmente desumanas.

Em meio à Revolta da Chibata, muitos marinheiros sofreram repreensões para que servissem de exemplo para os demais rebelados, e alguns eram presos, quando insultavam ou incomodavam os seus chefes. Com essa reação do governo de prender os rebeldes, medidas foram tomadas para que houvesse a calma no ambiente. A primeira medida foi prender o líder “Almirante Negro” na Ilha das Cobras e os demais, aqueles que seguiam as ordens do almirante, foram enviados para trabalhar na comissão Rondon, na construção da estrada de ferro.

Dentre os que estavam obrigados a trabalhar na construção da estrada, estavam ex- marinheiros, criminosos comuns e prostitutas. O autor alega um total de 105 ex- marinheiros, 298 criminosos comuns e 44 prostitutas que chegaram para trabalhar na construção da estrada de ferro madeira Mamoré.

Toda essa conjectura serve de argumento inicial para demonstrar o quão rico e diverso é o contexto de construção cultural do estado de Rondônia. Pelo fato do mesmo ser constituído por brancos, indígenas e negros, pode-se afirmar que a região é cosmopolita e também é uma região híbrida que possui um vasto multiculturalismo.

Partindo desse pressuposto, conhecer os valores culturais que fazem parte do âmbito social é o mesmo que adquirir ciência de todas as perspectivas referentes a discriminação, a intolerância, e até mesmo do preconceito linguístico e racial. Além de permitir uma maior lucidez em relação aos pontos que abordam as vertentes da discriminação, entender o conceito de cultura, é fundamental para uma evolução geral.

Canclini (2006 p. 29) relata que a substância cultural, pode ser definida como aquilo que nos faz entender com mais clareza como funcionam as mudanças e as transformações básicas dos esquemas de caráter social. As ideias multiculturais auxiliam a sociedade de forma geral a se diferenciarem, a manter um posicionamento diante de valores etnocêntricos, e por consequência, reduzir os laivos do preconceito linguístico, social e da discriminação.

Contudo, os ribeirinhos são povos tradicionais que representam uma parcela da população de Porto Velho e possuem uma rotina pautada na existência do rio; os mesmos têm contato com o ambiente natural e ainda mantém um vínculo simbólico com o flúmen que corta o seu habitat natural. Uma das concepções mais específicas sobre a identidade desse povo é feita por Silva (2000), o qual nos diz que:

"Temos a definição de *ribeirinho* a população constituinte que possui um modo de vida peculiar que as distingue das demais populações do meio rural ou urbano, que possua sua cosmovisão marcada pela presença das águas.

Para estas populações, o rio, o lago e o igarapé não são apenas elementos do cenário ou paisagem, mas algo do modo de se viver do homem. Dessa forma, quando estabelecemos nossa conceituação, temos claro que nem todas as populações humanas que vivem às margens dos rios são consideradas populações ribeirinhas". (SILVA, 2000)

Assim, a região amazônica, o que obviamente inclui o estado de Rondônia, passa a ser considerada como um berço de caráter híbrido e multicultural, onde diversas e vastas essências de caráter social, econômico, político, administrativo, e linguístico, permeiam as entranhas dos estados da região amazônica.

2.1 Desterritorialização e a mutação de identidades

Canclini (1998) trabalha com a ideia referente ao hibridismo, o qual consiste na visão de que há pontos da constituição cultural que devem ser especificados para um amplo entendimento do contexto. Dentre esses pontos de caracterização do hibridismo na sociedade, existe a visão de que "desterritorialização"[4] e a "reterritorialização" criam uma nova

[4] Partindo da ideia de que território é aquele espaço de estabilidade e organização, a ação de desterritorializar é uma ação de desordem, de fragmentação para buscar encontrar novos saberes, menos instituídos, adotando uma percepção diferenciada que está pronta para descobrir novas ideias além das previstas. A Desterritorialização é uma "saída" do "território". Mas este processo requer "naturalmente" uma reterritorialização, ou seja, a "criação" de um outro novo Território. (CANCLINI, 1998)

perspectiva de gêneros constitucionalmente híbridos[5], pois os indivíduos que passam por esse processo tornam-se suscetíveis a modificações pessoais e comportamentais no que se refere a costumes comunitários, moldando aos poucos a sua identidade.

Hall (2006) afirma que as antigas identidades, antes entendidas a partir de um ponto de vista essencialista, estão em declínio, e que esse fenômeno faz com que novas identidades desabrochem no seio comunitário e que o indivíduo da atual sociedade seja constituído de forma fragmentada, ou seja, a essência do sujeito que era visto como um ser unificado passa a ser modificada com base nas alterações de valores sociais.

Conforme Haesbaert (1997), os informes sobre o deslocamento obrigatório geram uma pluralidade de transformações que giram em torno de perdas as quais vão além da perspectiva da mudança de espaço físico ou do estranhamento de pequenas situações do novo cotidiano, visto que a desterritorialização passa do limite de perdas pessoais, pois tal processo gera a perda de valores simbólicos e culturais que são praticamente irreparáveis.

Um outro ponto que vale salientar, sobre essa construção de identidade, é abordar a

definição de Woodward (2000) sobre essa temática. A autora nos conta que a identidade pode ser definida com base em dois eixos: o simbólico e o social. O simbólico consiste na linha de pensamento das características nacionais, como a comida, danças, costumes e outros elementos afins. Já o eixo social, gira em torno do pensamento da coletividade, o qual envolve a história, a memória, o espaço e o tempo.

Bakhtin (1998) alega que:

"A sociedade em transformação alarga-se para integrar um ser em transformação. Nada pode permanecer estável nesse processo. Por isso a significação é absorvida pelo tema e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sobre a forma de uma nova significação, como uma instabilidade e uma identidade igualmente provisórias." (BAKHTIN, 1988, p. 136).

Desta forma, subentende-se que toda a movimentação social, toda essa conjectura sobre o contexto sociocultural, que se pauta na questão da formação de uma nova identidade, saindo do contexto tradicional devido a essas vicissitudes, faz com que o processo fique intimamente vinculado ao fenômeno do multiculturalismo. Nenevé (2009), que se destaca na área por suas aprofundadas pesquisas sobre o assunto, traz a seguinte pontuação:

O multiculturalismo é um sistema de crenças e comportamentos que reconhece e respeita a presença de todos os grupos diversos em uma organização ou sociedade, reconhece e valoriza as suas diferenças socioculturais e estimula e capacita sua contribuição continuada com um contexto cultural inclusivo dando poder a todas as pessoas nesta organização ou sociedade. (NENEVÉ, 2009 p. 14)

[5]Em Canclini (1998) o hibridismo é responsável pelo enfraquecimento dos grandes processos simbólicos e da ideia de identidades homogêneas. Conforme essa noção, todos os indivíduos podem romper a territorialidade, entendida aqui como "as fronteiras, com seus arames rígidos" (as dificuldades, as lutas) ou "arames caídos" (a possibilidade de adquirir novo conhecimento e mesclá-los com seus).

Ainda trabalhando com a cultura e a identidade, e envolvendo os ribeirinhos dentro da conjuntura em questão, Arruda (1999) infere sobre a ideia de população tradicional, dizendo que:

(...) apresentam um modelo de ocupação do espaço e uso dos recursos naturais voltados principalmente para a subsistência, com fraca articulação com o mercado, baseado em uso intensivo de mão de obra familiar, tecnologias de baixo impacto derivadas de conhecimentos patrimoniais e, normalmente, de base sustentável... Em geral ocupam a região há muito tempo e não têm registro legal da propriedade privada individual da terra, definindo apenas o local de moradia como parcela individual, sendo o restante do território encarado como área de utilização comunitária, com seu uso regulamentado pelo costume e por normas compartilhadas internamente. (ARRUDA, 1999 p.79-80).

3. A nova realidade dos ribeirinhos: da água para as calçadas das feiras

A cidade de Porto Velho, capital do estado de Rondônia, possui muitos movimentos tradicionais, movimentos que vão desde eventos culturais até algumas atividades econômicas, entre elas, destaca-se a feira livre. Sobre tal atividade, Mascarenhas (2008) conceitua:

A feira livre no Brasil constitui modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos. Herança em certa medida da tradição ibérica (também de raiz mourisca), posteriormente mesclada com práticas africanas, está presente na maioria das cidades brasileiras, sobretudo naquelas com população superior a 300 mil habitantes (excetuando-se obviamente o Plano Piloto da capital federal, Brasília, pautado em princípios urbanísticos singulares). (MASCARENHAS, 2008, p.75)

Desse modo, pode-se afirmar que essa atividade simboliza uma tradição que permeia não só a região norte do Brasil. As feiras livres representam muito mais do que uma venda informal, elas são também uma forma de sociabilidade e conseqüentemente, fontes de aprendizagens. A realidade e as crenças de uma comunidade podem ser percebidas dentro desse contexto relativamente comum e simples, mas cheio de significados.

Com o processo de desterritorialização dos ribeirinhos de Porto Velho em virtude da construção das usinas, o governo federal criou projetos e amparou parte dos atingidos pela enchente com a construção de moradias populares. Durante certo tempo, as moradias supriram parte da necessidade dos ribeirinhos, mas algumas situações começaram a ganhar corpo dentro da perspectiva em questão.

Comunidades inteiras desapareceram e perderam seus antigos hábitos na beira do rio. A título de localização, a comunidade de São domingos se encontrava na Vila de Santo Antônio, à margem esquerda do Rio Madeira[6] que passa por Porto Velho (seguindo a BR 319, ramais Jatuarana e Monte Cristo).

[6] O Rio Madeira é um rio da bacia do rio Amazonas que banha os estados de Rondônia e do Amazonas. É um dos afluentes principais do rio Amazonas. Tem extensão total aproximada de 3315 km, sendo o 17º maior do mundo em extensão." https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Madeira. Acessado em 26 jun.. 2020.

Essas pessoas dependiam exclusivamente do rio e o tinham como fonte de vida. Pescavam o que era necessário para sobreviver e colhiam o que plantavam na beira do rio, plantavam e colhiam mandioca para fazer farinha, dentre outras produções que somente poderiam ser obtidas a partir dele.

Com a inserção dos ribeirinhos em condomínios, casas e apartamentos cedidos pelo governo, ocorrências de suicídio e depressão começaram a surgir desses territórios de onde os ribeirinhos estavam inseridos (JÚNIOR, 2015). Ora, com o crescimento da sensação de impotência, por não ter mais sua colheita e pesca disponível, alguns ribeirinhos mais idosos adoeceram, outros entraram em depressão e alguns outros, independentemente da idade ou do gênero, ingressaram na marginalidade, visto que, o que ganhavam de auxílio por parte do governo não era suficiente para suprir as necessidades básicas. (COSTA JUNIOR, 2017)

Sob o mesmo ponto de vista, as feiras livres de Porto Velho foram consideradas recintos de acolhimento para essa população que ficou “desamparada” por ter saído de sua realidade e submergida em outra totalmente diferente. As ruas ficaram mais extensas, os horários foram estendidos e o número de feirantes aumentou consideravelmente (ALMEIDA, 2014).

Assim, muitos ribeirinhos conseguiram se reerguer em virtude da atuação nas feiras livres da capital do estado de Rondônia, mesmo eles não tendo o mesmo padrão de

vida que antes mantinham residindo na beira do Rio. Nesse mesmo sentido, Serra (2001) discorre:

A introdução do capital então, prevalece sobre toda a cultura de um povo, trazendo consigo o fantasma da exclusão, presidindo um campo deslocado e um espaço delineado por forças alheias a toda uma historicidade e a toda uma cultura. Diante deste fato, há um grande dilema: Optar pelas formas modernas de inserção no mercado de trabalho de maneira convencional, competitiva considerando suas conseqüências, ou, contar com a vontade política, no sentido de estudar e propor formas de desenvolvimento que contemple as características culturais e formadoras dessa população, estabelecendo uma nova sistemática de trabalho, produção e, conseqüentemente de como entrar no mercado sem perder sua caracterização de populações tradicionais. (SERRA, 2001, p.10 - 11)

Pode-se, portanto, afirmar que a desterritorialização trouxe vários produtos para a população ribeirinha, entre esses produtos está o processo de hibridismo, que consiste na mudança de identidade, o que também acompanha outras perspectivas, como esse conjunto de vicissitudes que obrigaram os ribeirinhos a mudarem as profissões, os valores, as residências, os hábitos, os princípios e a começarem uma nova vida, seguindo somente a fé e a força de seus braços.

3.1 Covid e a feira livre: A invisibilidade do vírus e a visibilidade dos problemas dos feirantes

No início de 2020 o Brasil e o mundo se depararam com um mal invisível que parou todas as estruturas, um mal que invadiu e destruiu muitas estruturas, independentemente da posição dos países

no ranking econômico, todos tiveram que retroceder e se adaptar à realidade, o surgimento de um vírus com o nome de Covid-19.

Sobre esta questão, Macedo (2020) coloca:

"O Coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias, no caso da pandemia desse novo agente, foi descoberto em 31 de dezembro de 2019 em Wuhan na China, O vírus atual faz que os portadores deles tenham a doença chamada de coronavírus (COVID-19). Os primeiros coronavírus humanos foram destacados pela primeira vez em 1937, no entanto, foi em 1965 que o vírus foi descrito como coronavírus, em decorrência do perfil na microscópica, assemelhando-se a uma coroa. A maioria das pessoas se infecta com os coronavírus comuns ao longo da vida, sendo as crianças pequenas mais propensas a se infectarem com o tipo mais comum do vírus. Os coronavírus mais comuns que infectam humanos são o alpha coronavírus 229E e NL63 e beta coronavírus OC43, HKU1. (MACEDO, 2020, p.2)

O Brasil, assim como todo o mundo, necessitou entrar em quarentena em virtude do surgimento do vírus. Contudo, alguns países demoraram a entrar em estado de quarentena em virtude do posicionamento político de seus representantes.[7] Em consonância, Macedo (2020) declara:

"O primeiro teste positivo para COVID-19 no país aparece

[7] Desde o início da disseminação do novo coronavírus (covid-19) no Brasil o presidente, Jair Bolsonaro, (sem partido) tem insistido em minimizar os riscos da pandemia à saúde pública. Isso fica claro nos atos e falas do chefe do executivo. Apenas no mês de março, o presidente utilizou as expressões "histeria", "gripezinha" e "fantasia" para se referir à doença, além de, dizer que a situação não pode ser tratada como "se fosse o fim do mundo". Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br>. Acessado em 27 de Junho de 2020.

em 26 de fevereiro de 2020 importado por um paulistano que havia recentemente visitado a Itália. Cinco dias após o primeiro caso, outro caso positivo é confirmado no país e em apenas 11 dias a soma dos casos confirmados atinge 25 pessoas. A população brasileira é estimada entre 211 milhões de habitantes (IBGE, 2020), destes 8% são homens que se enquadram no perfil etário da doença contudo novos casos da doença avançam rapidamente no país. Enquanto a Itália decreta quarentena nacional 10 dias após os primeiros casos positivos, a quarentena é regulamentada pelo Ministério da Saúde 16 dias após a detecção do primeiro caso, totalizando mais de 100 casos confirmados". (MACEDO,2020, p.5)

Em decorrência disso, todos os setores no mundo começaram a sentir o impacto dos dias de quarentena, visto que o comércio e outros setores vistos e entendidos como não essenciais, pararam os seus serviços e tiveram quedas significativas em seus rendimentos. Outros setores quebraram e chegaram a declarar falência. O surgimento do vírus, além de trazer quebras no setor financeiro para as capitais do Brasil, também parou as atividades que acontecem nas periferias dessas cidades, entre essas atividades, estão as feiras livres.

No que compete às atividades que acontecem nas periferias, Ivo (2010) declara:

[...] as periferias se constituem como lugares híbridos e heterogêneos de um cotidiano compartilhado por sujeitos que vivem na adversidade e na busca por justiça social e por direitos sociais e direitos sobre a cidade, como o acesso à moradia, à saúde, ao transporte, à educação e ao consumo cultural, que interagem e se mesclam com a cidade normatizada, racional, "legitimada", ultrapassando velhas noções morais de culpabilidade da pobreza ou de territórios de riscos, que podem sugerir sentidos estigmatizados de criminalização da pobreza. (IVO,2010, p.5)

Referindo-se ao combate ao coronavírus, Oliveira (2020) declara em consonância:

"O mundo está "sangrando e doido", mas estamos diante de mundos com diferentes realidades. Há um mundo em estado de letargia e nele pessoas em confinamento, muitos em teletrabalho, e outros já sem trabalho. E para esse mundo repete-se as recomendações de cuidados básicos, como utilizar máscaras, manter as casas ventiladas e higienizar as mãos com regularidade. Mas, estamos também diante de um outro mundo, que os mecanismos de gestão da pandemia aprofundam sua marginalização. A margem infinita da exclusão. Neste contexto, podemos citar as periferias e favelas do Brasil. Para esse mundo, repete-se também as recomendações de cuidados básicos. A pergunta que se faz é: como estar em quarentena se as pessoas que vivem nas comunidades raramente têm trabalho formal? Como ventilar as casas com suas janelas pequenas e insuficientes para uma boa ventilação? Como lavar as mãos em moradas onde o abastecimento de água potável é intermitente e, muitas vezes, até inexistente? Para esse mundo o que significa #fiqueemcasa?" (OLIVEIRA,2020, p.2)

Portanto, ao recortar tal pensamento, pode-se observar que as periferias de todas as cidades do Brasil têm padecido, e o sofrimento ficou ainda mais intenso e mais nítido com o surgimento do Covid-19. Dentro de uma limitação, os ribeirinhos que sofreram com a desterritorialização em Porto Velho, com o processo de adaptação ao espaço urbano e com o novo formato de trabalho, agora precisam adaptar-se ao período de quarentena, que durará por um tempo ainda indeterminado e, conseqüentemente, se prolongarão as dificuldades financeiras dessa comunidade. Sem políticas públicas no município para essa comunidade, a realidade de alegrias e fartura foi substituída por dias de

necessidades e tristezas, sem o olhar dos governantes para amenizar as dificuldades silenciosas de um povo que saiu da beira do rio e hoje está na cidade, lutando para sobreviver dia após dia.

4. Considerações finais

O escrito em questão abordou o processo de desterritorialização que aconteceu com as comunidades ribeirinhas de Porto Velho, capital do estado de Rondônia. Além disso, abordou questões sobre o processo de resiliência dessa comunidade em sua nova realidade na área urbana da cidade. Ademais, os óbices que seguem essa comunidade desde o período da enchente ainda continuam a assombrar os desterritorializados, porém com o acréscimo da pandemia global por causa do Covid-19.

As feiras livres, movimentos que fazem parte da cultura das cidades e representam uma atividade significativa no que compete ao setor econômico, são locais que recebem as pessoas que desejam trabalhar e ter de onde tirar seu sustento. Seguindo este princípio, as feiras de Porto Velho receberam os ribeirinhos que precisavam se reerguer depois da enchente comercializando seus produtos.

Com a chegada da pandemia, o comércio parou e os problemas das comunidades residentes das zonas periféricas começaram a se intensificar, porém, estas comunidades ainda continuam invisibilizadas pelos governantes. A ideologia capitalista, que insiste em apontar que números são e

devem ser mais importantes que pessoas, cega grande parte das pessoas e faz com que as mesmas achem normal que pessoas padeçam por não terem condições básicas de sobrevivência.

Os ribeirinhos sempre resistiram às enchentes da vida, e continuam resistindo dia após dia. Contudo, esse escrito tem o intuito de mostrar que existem histórias, pessoas, valores e preceitos que estão padecendo. As políticas públicas ajudam a manter de pé alguns setores empresariais, pautados na ideia de produção e lucros. No entanto, é imprescindível que elas também alcancem aqueles que vieram de outra realidade, de outro contexto.

Destarte, o que resta agora não só para os ribeirinhos de Porto Velho, mas para todos os cidadãos que vivem nas periferias, aqueles que não podem seguir as hashtags das redes sociais, #ficaemcasa, aqueles que não têm as mesmas condições para cumprir a quarentena, aqueles que não tem apoio de seus governantes para garantir assistência básica de vida, é fé de que dias melhores virão, de que isso irá passar e de que tudo o que se perdeu será reconquistado, assim como diz a canção de Gilberto Gil: “Andar com fé (...), que a fé não costuma faiá”.

5. Referências

- ARRUDA, Rinaldo. Populações tradicionais e a proteção de recursos em unidades de conservação. In: *Ambiente & Sociedade*. Ano II, n.5, 1999.
- ALMEIDA, Raul Guilherme Dias de. Negócios sociais inclusivos a partir da base da pirâmide (BOP): um estudo de caso junto a Associação de Feirantes e Produtores de Presidente Médici-Rondônia. 2014.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAKTHIN, Mikhail (1988). *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BERMANN, Célio. *Energia no Brasil: para quê? Para quem?* São Paulo: Editora Livraria da Física, 2003.
- BOGDAN, Robert C. & BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora. 1994.
- CANDIDO, Silvio Eduardo Alvarez et al. *Comunidades ribeirinhas, engenheiros e conservação da floresta: construção participativa do espaço tecnológico em empreendimentos econômicos solidários na Amazônia*. 2010.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4 ed. 1 Remp. Trad. Heloisa Pezza Cintrão; Ana Regina Lessa. Tradução da introdução Gênese Andrade. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2006.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. Edusp, São Paulo, 1998.
- CANETE, Thales Maximiliano Ravena; ANETE, Voyner Ravena. *Populações tradicionais Amazônicas: Revisando conceitos*. V encontro da associação nacional de pós – graduação e pesquisa em ambiente e sociedade, 2010.
- CHEDIAK, Sorhaya. *Discursos e Contradiscursos: A desterritorialização dos ribeirinhos para a construção da usina de Santo Antônio no rio Madeira*. 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO, 2015.
- COLFERAI, Sandro Adalberto. *Imigração e identidade cultural: A representação de uma identidade preferencial no interior de Rondônia*. *Revista Labirinto*, v.13, p. 102- 119, 2014.
- COSTA JUNIOR, José Maria Farah et al. *Manifestações emocionais e motoras de ribeirinhos expostos ao mercúrio na Amazônia*. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 20, p. 212-224, 2017.
- DERROSSO, Giuliano Silveira; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. *A construção de uma usina hidrelétrica e a reconfiguração das identidades dos ribeirinhos: um estudo em Salto Caxias, Paraná*. *Ambient. soc.*, São Paulo. v. 17, n. 3, p. 97-114,2014 .
- DO AMARAL, Nair Ferreira Gurgel. *Processos Migratórios em Rondônia e sua influência na língua e na cultura*. *Linha D’água*, v.25, n.1, p. 87- 107, 2012.
-

- HALL, Stuart. A identidade Cultural na pós modernidade. Tupy Kurumin, 2006.
- HAESBAERT, Rogério. Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste. Niterói: EdUFF, 1997
- IVO, Anete BL. A periferia em debate: questões teóricas e de pesquisa. Caderno CRH, v. 23, n. 58, p. 09-15, 2010.
- JUNIOR, Gadelha Silva; DO AMARAL, Nair Ferreira Gurgel. Análise do discurso em dois enfoques: o discurso oral dos ribeirinhos e o papel da mídia na construção simbólica dos enunciados sobre a construção das usinas hidrelétricas. Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade-Igarapé, v. 1, n. 5, p. 1-21, 2015.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Revista Katálysis, v. 10, n. SPE, p. 37-45, 2007.
- LOPES, Alice Casimiro. Recontextualização e hibridismo. Currículo sem fronteiras, v. 5. n.2, p.50 – 64, 2005.
- MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam CS. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. Ateliê Geográfico, v. 2, n. 2, p. 72-87, 2008.
- MACEDO, Yuri Miguel; ORNELLAS, Joaquim Lemos; DO BOMFIM, Helder Freitas. COVID-19 NO BRASIL: o que se espera para população subalternizada?. Revista Encantar-Educação, Cultura e Sociedade, v. 2, p. 01-10, 2020.
- NASCIMENTO SILVA, Maria da Graças. O espaço ribeirinho. Terceira Margem, São Paulo, 2000.
- NENEVÉ, Miguel. Multiculturalismo na Amazônia: O singular e o plural em reflexões e ações. In: AMARAL, Nair Ferreira Gurgel. (Org), Editora CRV. Curitiba, 2009.
- OLIVEIRA, Adauto Emmerich et al. A Pandemia de COVID-19 diante da dor de todos nós: notas para intrusão de uma comunicação social e suas interfaces com saúde mais cidadã. Osiris - Centros de estudos sociais/UC-PT. p. 1 -5, 2020
- QUEIROZ, Renato da Silva. Apresentação. In: REBOUÇAS, Lidia Marcelino. O planejado e o vivido: o reassentamento de famílias ribeirinhas no pontal do Paranapanema. São Paulo: Annablume, 2000.
- SAGUE LOPEZ, Nuria; NENEVÉ, Miguel; FERREIRA GURGEL DO AMARAL, Nair. Por um ensino multicultural da Amazônia. Revista de estudos de literatura, cultura e alteridade. Igarapé, v.2, n.1, p. 203 – 218, 2013.
- SILVA, Amizael gomes da. Da chibata ao inferno. Porto Velho: EDUFRO, 2001.
- SELLTIZ, Claire; JAHODA, Marie; DEUTSCH, Morton; COOK, Stuart M. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo: Herder, 1967.
- SERRA, Nara Eliana Miller. Compreendendo a Lógica do Trabalho em Populações Tradicionais Ribeirinhas Populações Tradicionais Ribeirinhas. Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente, v. 4, n. 3, 2001.
- SILVA, Josué da Costa & SOUZA FILHO, Theóphilo de Alves de. O viver ribeirinho. In: Nos banheiros do rio: Ação interdisciplinar em busca de sustentabilidade em comunidades ribeirinhas da Amazônia. Porto Velho – RO: EDUFRO, 2000.
- SOARES, Lariessa; BELO, M. A. A. Consumo de pescado no município de Porto Velho-RO. Enciclopédia Biosfera, v. 11, n. 21, p. 3059-3067, 2015.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org) Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.